



## Entre a subjetividade e a (des) construção: da consciência da soberania em *O grande relógio*, a que hora o mundo recomeça, de Silvano Santiago

Between subjectivity and (de) construction: the consciousness of sovereignty in *The Big Clock*, at what time does the world start over, by Silvano Santiago

Entre la subjetividad y la (des) construcción: la conciencia de soberanía en *El gran reloj*, a qué hora el mundo vuelve a empezar, de Silvano Santiago

Rodrigo Felipe Veloso\*

### O grande relógio e o recomeço de um novo tempo na literatura

*Se viver é perigoso, mais perigoso é desconstruir.* (Silvano Santiago)

*A porta é de vaivém, insisto.* (Silvano Santiago)

A escrita de Silvano Santiago em *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça* (2024) revela um autor em plena maturidade criativa, cuja prosa é marcada por uma combinação sofisticada de reflexão, provocação, ponderação e experimentação. Com essa obra, Santiago propõe (re)pensar não apenas a literatura e a cultura brasileiras, mas também a imagem e o legado de Machado de Assis no tempo presente, abrindo espaço para questionamentos sobre identidade, pertencimento e descolonização do pensamento.


Este primeiro volume de um projeto dividido em três cadernos é uma verdadeira incursão pelos tempos históricos, culturais e pessoais sobrepostos numa narrativa ensaística que funciona como engrenagem do “grande relógio” metafórico proposto pelo autor. Esse relógio não marca horas exatas, mas o tempo da crítica, da memória e da reconstrução simbólica do que entendemos como valor literário, numa espécie de reinvenção dos cânones e dos critérios de consagração.

Do ponto de vista teórico e crítico, Santiago posiciona-se de forma incisiva contra os modelos tradicionais da literatura comparada, influência, cópia e originalidade, desmascarando sua face eurocêntrica e colonizadora. Segundo ele: “que se ergueram, em aparente neutralidade, como uma das mais violentas, sutis e populares forças de convencimento do imperativo eurocêntrico a dominar o planeta” (Santiago, 2024, p. 14).

Essas três noções, amplamente difundidas no Ocidente, funcionam como ferramentas de manutenção de um sistema de dominação simbólica, no qual as literaturas periféricas são empurradas para o lugar da imitação e da subalternidade. Como sintetiza o autor: “A originalidade absoluta da obra literária é qualidade pertencente à literatura metropolitana [...], os ponteiros do ‘pequeno relógio’ do eurocentrismo, os três conceitos sempre adquirem significado auspicioso e nefasto” (Santiago, 2024, p. 23).

Ao criticar essas ideias, Santiago desconstrói o mito da autonomia das grandes obras europeias, reconfigurando o campo da literatura comparada como um espaço de conflito e negociação entre centro e periferia. Seu objetivo é claramente político: denunciar a pretensa universalidade do Ocidente e, em contrapartida, afirmar os valores culturais de uma literatura brasileira emancipada — ou em processo de emancipação — das amarras coloniais.

Nesse sentido, o ensaísta propõe um embate entre duas figuras simbólicas: Marcel Proust, representante da literatura nacional metropolitana francesa, e Machado de Assis, símbolo de uma

\* Docente no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.   
<http://orcid.org/0000-0001-7840-584X>. E-mail: [rodrigof\\_veloso@yahoo.com.br](mailto:rodrigof_veloso@yahoo.com.br)

literatura nacional brasileira de raiz afrodiaspórica. A contraposição entre os dois não é feita para submeter um ao outro, mas para problematizar os modos de leitura impostos pela crítica canônica. Ao lançar mão de metáforas cinematográficas, como o *saloon* de um bague-bague ou as dobradiças de uma porta de faroeste, Santiago orienta o leitor a adotar uma postura desconfiada e crítica diante das comparações:

Controladas por dobradiças laterais, as folhas da porta sempre se abrem (ou se fecham) ao centro a fim de incentivar as comparações ou pô-las em dúvida. O diálogo do nosso leitor será encaminhado menos em direção às duas geniais e mais em direção às palavras do ensaio, movimentadas que serão pela porta de duas folhas obedientes a dobradiças à direita e à esquerda. [...] Se o leitor acompanhar o movimento simultâneo ou sucessivo das duas folhas, ele terá liberado o acesso aos dois universos literários, o de Machado e o de Proust, bem como terá recebido o convite para abandonar de maneira consequente as obras em pauta, para destiná-las a fins ignorados por este ensaísta (Santiago, 2024, p. 10-11, grifo do autor).

A originalidade da obra de Santiago reside justamente em seu método ensaístico “errante”, que se move entre digressões, imagens poéticas e reflexões filosóficas. A aparente fragmentação do texto é, na verdade, um gesto estético coerente com a intenção de desestabilizar o leitor e conduzi-lo para além das fronteiras tradicionais da crítica literária. O ensaio torna-se, assim, um lugar de performatividade discursiva, em que teoria e literatura se entrelaçam de modo orgânico.

Santiago faz ainda uma ressalva quanto às dificuldades desse processo de confronto crítico com o eurocentrismo: trata-se de um embate desigual, pois as estruturas de poder simbólico seguem operando com força nas instituições culturais e acadêmicas. No entanto, é precisamente nesse enfrentamento que reside a força política e intelectual de *O grande relógio*. A obra instaura uma temporalidade outra, isto é, descolonial, relacional e rizomática, que desafia a linearidade e propõe um recomeço do mundo a partir de seus próprios escombros simbólicos.

Em suma, *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça* é uma obra ousada, que conjuga crítica cultural, teoria literária e ensaísmo poético em um gesto simultaneamente erudito e subversivo. Silvano Santiago oferece-nos um texto-reflexo de sua própria trajetória: inquieta, radical e marcada pelo desejo de pensar o Brasil a partir de suas fissuras, com o tempo próprio da memória e da imaginação. Um livro para ser lido com tempo, ou, melhor, fora do tempo dos relógios convencionais.

## Referências

SANTIAGO, Silvano. *O grande relógio: a que hora o mundo recomeça* - Caderno em andamento 1. São Paulo: Editora Nós, 2024.